

As inteligências Múltiplas

Nos anos 1990 eu coordenei o Centro de Orientação Vocacional-Profissional da UTP em Curitiba, projeto executado pelos Psicólogos recém formados da universidade que se especializavam na clínica de Psicologia. Lá atendíamos os jovens estudantes de ensino médio na maioria dos casos, ainda indecisos sobre o seu futuro profissional. Um fator muito importante e marcante dessa indecisão estava relacionado, muitas vezes, com um paradigma familiar, um condicionamento social/cultural de que a profissão ideal do filho seria aquela que proporcionasse status e dinheiro. Assim, historicamente a família estimulava seu filho muito mais a “ter” do que a “ser”, manipulando-o para que optasse pelos tradicionais cursos de medicina, engenharia ou direito, na maioria dos casos.

Acontece que muitos dos orientandos não apresentavam qualquer aptidão ou interesse por essas áreas e demonstravam ali, nos testes, nas dinâmicas de grupo e nas entrevistas, toda a razão da insegurança, principalmente quando o laudo final apontava para as áreas das artes ou do esporte: “sem chance dos meus pais concordarem!” diziam muitas vezes, referindo-se às exigências familiares de que o filho optasse pelos cursos clássicos, mas, por outro lado, demonstrando claramente que seriam felizes e se realizariam pessoal e profissionalmente jogando futebol ou fazendo uma faculdade de música, artes plásticas ou dança, por exemplo.

Como eram de menor, os pais costumavam estar presentes nas entrevistas devolutivas dos resultados e esse era, quase sempre, um momento de tensão por conta do inevitável conflito de interesses. Por um lado um adolescente feliz da vida porque um profissional estava apontando a ele as possíveis profissões que lhe trariam realização pessoal e profissional no futuro, e por outro, os pais, frustrados, porém irredutíveis, apontando para a segurança em detrimento das realizações: “o quê? curso de oceanografia? meu filho, isso não dá futuro!”

Pessoalmente compreendo essa posição familiar, é claro! Tenho três filhos e compactuo com a idéia de que os pais sempre querem o melhor

para os seus filhos. Mas, no entanto, esse conceito “melhor”, nem sempre é visto pelo mesmo ângulo por ambas as partes. Basta ouvir os relatos dos campeões de surf, dos jogadores de futebol famosos ou de grandes músicos populares, quando falam da resistência dos pais no início, em permitir que eles, definitivamente, fossem em busca dos seus sonhos. Quase sempre os pais tentaram dissuadir os filhos de todas as formas até que, pela insistência, pela determinação e até mesmo pela audácia de alguns, os filhos, por conta própria correram todos os riscos e foram em busca das suas realizações. Lembro de um material hilário que andou “rolando” na internet um tempo atrás que mostra as resistências dos pais com alguns comportamentos dos filhos na infância, mas aqueles comportamentos criticados pelos pais acabaram formando a base do sucesso e da fama dos filhos quando adultos:

- “Deixa de jogar bola e vai estudar para poderes ter um futuro.”
(Mãe do Ronaldinho)
- “Pára de gritar menino!!!!”
(Mãe de Luciano Pavarotti)
- “Deixa de brincar com essas máquinas ou nunca terás nada na vida.”
(Mãe de Bill Gates)
- “É a última vez que riscas as paredes da casa de banho.”
(Mãe de Michelangelo)
- “Pára de bater na mesa, estou cansada desses ruídos.”
(Mãe de Samuel Morse)
- “Fica quieto de uma vez, daqui a pouco vais querer dançar nas paredes.”
(Mãe de Fred Astaire)

Não quero generalizar, muitos pais mais esclarecidos, têm essa percepção e até facilitam ao filho desde pequeno, o acesso ao desenvolvimento das habilidades pessoais dele. Esses pais compreendem que o estudo é importante, mas que também não precisa ter prioridade sobre todo o resto. Afinal Pelé só voltou a estudar quando parou de jogar futebol e se formou em direito.

Quais são essas habilidades?

Tratam-se das Inteligências Múltiplas, as capacidades naturais de cada um de nós, caracterizadas por uma performance ampliada e diferenciada da média em alguma atividade específica. Quem nunca se surpreendeu ao ver uma criança desenhar com refinados traços, ou cantar e tocar algum instrumento com maestria, ou dominar uma bola com arte e criatividade, ou fazer incríveis acrobacias com a bicicleta ou skate sem terem feito cursos ou treinamentos específicos, e não ficou surpreso na comparação com as performances de outras crianças da mesma idade?

Essa teoria do cientista americano Howard Gardner foi apresentada há mais de 20 anos e amplamente aprovada pela comunidade científica mundial. São 10 inteligências:

Lógico Matemática = capacidade de raciocínio lógico

Lingüística = domínio da linguagem

Espacial = capacidade de localização e direção no espaço

Musical = competência de percepção e execução de sons musicais

Corporal Cinestésica = habilidade de controle criativo dos movimentos corporais

Interpessoal = compreensão e relação com o outro

Intrapessoal = auto compreensão, auto controle e auto administração

Naturalista = capacidade de reconhecer e interagir com produtos da natureza

Existencial = compreensão e ponderação acerca da existência humana

Pictórica = habilidade de se expressar pelas artes plásticas

De acordo com Gardner, não são habilidades estanques. Raramente possuímos somente uma dessas inteligências ou mesmo necessitamos de uma ou duas das habilidades para o sucesso profissional. Na maioria das vezes, a soma, ou a interação entre essas habilidades é que proporciona o sucesso na atividade. Por exemplo, não basta ao jogador de futebol, uma bem desenvolvida inteligência Corporal Cinestésica, ele necessitará também, da Espacial, Interpessoal e até mesmo da inteligência Lógico Matemática para poder desenvolver com sucesso o seu trabalho. Tem mais, algumas dessas inteligências poderão ou não, serem desenvolvidas. É fundamental que sejam identificadas e incentivadas pelos pais e pelos professores, de preferência ainda na primeira infância. Como disse Celso

Antunes no seu artigo DNA & Competências, “A genética sugere tendências, mas não determina o destino.” – O que determina o destino são as oportunidades de colocar em prática e desenvolver essas habilidades e aptidões com a qual nascemos.

Fica aqui, a orientação aos pais para que observem seus filhos, principalmente naquilo em que eles se sobressaem e fazem com maior facilidades do que a média das crianças da mesma idade. Permitam que eles desenvolvam essas habilidades facilitando o acesso deles às academias, escolas de futebol, de música, de natação, de pilotagem, etc. Caso já na adolescência, seus filhos ainda não tenham definido o futuro profissional, procure um especialista em Orientação Vocacional-Profissional (OVP). Essa atividade quando aplicada por psicólogos especialistas, em orientandos motivados, participativos e comprometidos com o processo, oferece uma significativa margem de segurança quanto às possíveis profissões em que ele terá mais chances de realização pessoal e profissional, minimizando as margens para frustrações profissionais futuras. É mais ou menos, uma semana inteira de encontros diários com entrevistas, testes e dinâmicas de grupo que visam a identificação do equilíbrio entre os interesses e as aptidões do jovem, muita informação sobre as profissões e no último encontro, na devolutiva, o orientador informará ao orientando perante seus pais, todas as características da profissão da sua escolha entre as que lhe foi sugerida: mercado de trabalho, atividades, base de salário, possibilidade de crescimento profissional, etc. É muito importante que nesse momento ele tenha ciência clara do que lhe espera, tanto na faculdade quanto no mercado de trabalho, que demonstre entusiasmo e concorde com tudo perante os pais antes da decisão final.